

BECCA FITZPATRICK

crescendo

HUSH, HUSH



TRADUÇÃO DE LIVIA DE ALMEIDA

intrínseca

PARA JENN MARTIN E REBECCA SUTTON,
PELOS SUPERPODERES DE SUAS AMIZADES!
OBRIGADA TAMBÉM A T. J. FRITSCHÉ,
POR SUGERIR ECANUS COMO NOME PARA O PERSONAGEM.

P R Ó L O G O



COLDWATER, MAINE
QUATORZE MESES ATRÁS

OS GALHOS ESPINHOSOS DA MACIEIRA ARRANHAVAM A VIDRAÇA atrás de Harrison Grey, que dobrou a ponta da página, incapaz de continuar a leitura com aquele barulho. Um vento furioso de primavera havia se lançado pela casa de fazenda durante toda a noite, uivando, assobiando, fazendo com que as janelas batessem na fachada de madeira com um *bang!*, *bang!*, *bang!* repetitivo. O calendário podia já estar na página do mês de março, mas Harrison sabia muito bem que isso não significava necessariamente que a primavera estivesse próxima. Com a chegada da tempestade, ele não se surpreenderia se encontrasse a paisagem branca e congelada ao amanhecer.

Para abafar o grito penetrante do vento, Harrison apertou um botão do controle remoto e começou a ouvir “Ombra mai fu”, de Bononcini. Depois, colocou outra tora de madeira no fogo, perguntando-se, não pela primeira vez, se teria mesmo comprado a casa de fazenda se soubesse da quantidade de combustível necessária para aquecer apenas um pequeno cômodo, que dirá todos os nove.

O telefone soou, estridente.

Harrison atendeu durante o segundo toque, esperando escutar a voz da melhor amiga da filha, que tinha o hábito perturbador de telefonar a altas horas da noite nas vésperas de entrega dos trabalhos escolares.

Ouviu o som de uma respiração rápida e superficial, antes que uma voz rompesse o silêncio:

— Precisamos nos encontrar. Em quanto tempo você pode chegar aqui?

A voz atravessou Harrison como um fantasma do passado, deixando-o completamente gelado. Havia se passado muito tempo desde a última vez que a ouvira, e escutá-la agora só poderia significar que algo tinha dado errado. Terrivelmente errado. Ele percebeu que o aparelho em sua mão estava molhado de suor, e sua postura, rígida.

— Uma hora — respondeu, inexpressivo.

Recolocou lentamente o fone no gancho. Fechou os olhos, a mente viajava no tempo, contra sua vontade. Houve uma época, quinze anos antes, em que ele ficava paralisado ao ouvir o telefone tocar, em que os segundos ressoavam como tambores enquanto ele aguardava o som da voz do outro lado da linha. Com o tempo, enquanto um ano pacífico se seguia a outro, ele acabou se convencendo de que era um homem que superara os segredos do passado. Era um homem que vivia uma vida normal, com uma bela família. Um homem sem nada a temer.

Na cozinha, de pé diante da bancada, Harrison encheu um copo de água e em seguida jogou tudo na pia. Estava completamente escuro lá fora, e seu reflexo pálido o contemplava na janela diante dele. Harrison assentiu com a cabeça, como se quisesse dizer para si mesmo que tudo ficaria bem. Mas seu olhar era carregado de mentiras.

Ele afrouxou a gravata para aliviar a sensação de aperto que parecia esticar sua pele e se serviu de um segundo copo. O líquido desceu com dificuldade por sua garganta, ameaçando voltar. Ao pousar o copo dentro da pia, estendeu a mão para pegar as chaves do carro que se encontravam sobre o balcão, hesitando, como se estivesse a ponto de mudar de ideia.

Harrison parou o carro junto ao meio-fio e apagou os faróis. Sentado no escuro, vendo o vapor de sua própria respiração, ele observou a fileira decrépita de casas de tijolo em uma área decadente de Portland. Havia se passado muitos anos — quinze, para ser exato — desde que ele colocara os pés naquele bairro e, mesmo que confiasse em sua fraca memória, não tinha certeza de que estava no lugar certo. Ele abriu o porta-luvas e tirou um pedaço de papel amarelado lá de dentro. Monroe, 1.565. Estava prestes a saltar do carro quando se sentiu incomodado pelo silêncio das ruas. Tateando sob o banco, pegou um revólver Smith & Wesson carregado e o enfiou nas costas, na cintura da calça. Ele não usava uma arma desde a faculdade e nunca o fizera fora de um estande de tiro. O único pensamento nítido a martelar em sua cabeça era o de que ele esperava poder continuar dizendo a mesma coisa dali a uma hora.

Os passos de Harrison soavam alto na calçada deserta, mas ele os ignorou, preferindo concentrar a atenção nas sombras lançadas pela lua prateada. Encolhido dentro do casaco, passou por quintais estreitos e sujos, fechados por cercas de arame, e além deles, casas escuras e assustadoramente silenciosas. Por duas vezes, teve a sensação de estar sendo seguido, mas, ao olhar para trás, não viu ninguém.

No número 1.565 da rua Monroe, ele empurrou o portão e contornou a casa até os fundos. Bateu uma vez e viu uma sombra se mover por trás das cortinas de renda.

A porta rangeu.

— Sou eu — disse Harrison, mantendo o tom de voz baixo.

A porta se abriu apenas o suficiente para que ele entrasse.

— Você foi seguido? — foi a pergunta.

— Não.

— Ela está com problemas.

O coração de Harrison começou a bater mais depressa.

— Que tipo de problemas?

— Assim que completar 16 anos, ele vai procurá-la. Você precisa levá-la para longe. Para algum lugar onde ele não seja capaz de encontrá-la.

Harrison sacudiu a cabeça.

— Não entendo...

Foi interrompido por um olhar ameaçador.

— Quando fizemos esse acordo, eu lhe disse que haveria coisas que você não conseguiria entender. Dezesesseis anos é uma idade amaldiçoada em... Em meu mundo. Isso é tudo o que precisa saber — disse o outro bruscamente.

Os dois se olharam, até que finalmente Harrison assentiu, com cautela.

— Será preciso apagar seus rastros — ouviu ele. — Não importa para onde vocês sigam, vão precisar recomeçar do zero. Ninguém pode saber que são do Maine. Ninguém. Ele nunca vai parar de procurá-la. Você compreende?

— Compreendo. — *Mas será que a esposa compreenderia? E Nora?*

Os olhos de Harrison se acostumaram à escuridão e ele percebeu com um misto de curiosidade e incredulidade que o homem à sua frente parecia não ter envelhecido um dia sequer desde os tempos da faculdade, quando haviam se conhecido no alojamento e se tornado grandes amigos. *Seria um jogo de sombras?*, Harrison se perguntou. Não existia outra explicação. Porém, uma coisa tinha mudado. Havia uma pequena cicatriz na base da garganta de seu amigo. Harrison olhou com mais atenção para aquela deformação e estremeceu. Uma marca de queimadura, saliente e brilhante, pouco maior do que uma moeda de vinte e cinco cents. Tinha o formato

de um punho cerrado. Assustado e horrorizado, Harrison percebeu que o amigo fora marcado. Como gado.

O homem notou a direção do olhar de Harrison, e seus olhos se endureceram, na defensiva.

— Existem pessoas que querem me destruir. Que querem me desmoralizar e me desumanizar. Então criei uma sociedade com um amigo de confiança. Novos membros são iniciados o tempo todo. — Ele parou no meio da frase, como se estivesse inseguro sobre quanto deveria dizer, e então terminou abruptamente. — Organizamos uma sociedade para nos proteger e jurei lealdade a ela. Se você me conhece tão bem como no passado, sabe que sou capaz de fazer o que for necessário para proteger meus interesses. — Ele fez uma pausa e acrescentou quase distraidamente. — E o meu futuro.

— Eles o marcaram — disse Harrison, esperando que o outro não percebesse a repugnância que o fazia estremecer por dentro.

O amigo apenas olhou para ele.

Depois de um momento, Harrison assentiu, sinalizando que compreendia, apesar de não aceitar. Quanto menos soubesse, melhor. O amigo havia deixado aquilo claro muitas vezes.

— Há mais alguma coisa que eu possa fazer?

— Apenas a mantenha em segurança.

Harrison empurrou os óculos que escorregavam pelo nariz e começou a falar de forma desajeitada:

— Acho que talvez você queira saber que ela cresceu forte e saudável. Nós a chamamos de Nor...

— Não quero me lembrar do nome dela — o amigo interrompeu com aspereza. — Faço tudo o que posso para não tê-lo em minha cabeça. Não quero saber nada sobre ela. Quero que minha mente não guarde qualquer vestígio, para que eu não tenha nada a dar àquele bastardo. — Ele se virou de costas e Harrison interpretou o gesto como um sinal de que a conversa havia acabado. Harrison ficou parado por um momento com muitas perguntas na ponta da língua, mas, ao mesmo tempo, sabendo que não ganharia nada pressionando o outro. Sufocou sua necessidade de encontrar sentido para aquele mundo sinistro, um mundo que sua filha não fizera nada para merecer, e saiu.

Tinha percorrido apenas meio quarteirão quando um tiro ecoou na noite. Instintivamente, Harrison se abaixou e se virou. Seu amigo. Ouviu um segundo tiro e, sem pensar, voltou correndo. Empurrou o portão e contornou a lateral da casa. Havia quase terminado de dobrar a última quina quando o som de uma

discussão fez com que parasse. Apesar do frio, ele suave. O quintal estava envolto pela escuridão e ele avançou, guiando-se pelo muro do jardim, tomando o cuidado de evitar as pedras soltas que indicariam sua presença ali, até ver a porta dos fundos.

— Última chance — disse uma voz calma e suave, que Harrison não reconheceu.

— Vá para o inferno — soltou o amigo.

Um terceiro tiro. O amigo urrou de dor e o atirador gritou:

— Onde ela está?

Com o coração martelando, Harrison sabia que precisava agir. Mais cinco segundos e seria tarde demais. Ele deslizou a mão pela parte de trás da calça e tirou o revólver. Segurou-o com as duas mãos para ter firmeza e avançou, aproximando-se pelas costas do atirador moreno. Harrison viu o amigo por trás do atirador, mas, quando seus olhos se encontraram, a expressão do antigo companheiro era um sinal de alarme.

Vá embora.

Harrison ouviu a ordem, clara como o repicar de um sino, e, por um momento, acreditou que ela havia sido gritada. Mas, como o atirador não se virou demonstrando surpresa, Harrison percebeu com uma leve confusão que a voz do amigo havia soado dentro de sua mente.

Não, pensou Harrison, meneando a cabeça. Seu senso de lealdade superava o que ele não conseguia compreender. Aquele era o homem com quem ele passara quatro dos melhores anos de sua vida. O homem que lhe apresentara a sua mulher. Ele não iria deixá-lo ali, nas mãos de um assassino.

Harrison apertou o gatilho. Ouviu o estrondo e esperou que o atirador desmoronasse. Disparou mais uma vez. E outra.

O rapaz de cabelos escuros virou-se lentamente. Pela primeira vez na vida, Harrison sentiu medo de verdade. Medo do rapaz diante dele, com uma arma na mão. Medo da morte. Medo do que aconteceria com sua família.

Ele sentiu os tiros atravessarem seu corpo como um fogo causticante que parecia dividi-lo em mil pedaços. Caiu de joelhos. Viu o rosto da esposa passar diante de seus olhos, seguido pelo da filha. Abriu a boca, o nome delas na ponta da língua, e tentou pensar em uma forma de demonstrar quanto as amava, antes que fosse tarde demais.

O rapaz agora segurava Harrison, arrastando-o para a passagem estreita nos fundos da casa. Harrison sentiu que estava a ponto de perder a consciência enquanto lutava inutilmente para se levantar. Ele não podia falhar com a filha. Não

haveria mais ninguém para protegê-la. O atirador de cabelos negros a encontraria e, se o amigo estivesse certo, a mataria.

— Quem é você? — perguntou Harrison, e cada palavra fazia a ardência se espalhar em seu peito. Ele se agarrou à esperança de que ainda houvesse tempo. Talvez pudesse avisar Nora, do outro mundo... um mundo que se aproximava cada vez mais, como uma chuva de mil plumas tingidas de negro.

O rapaz observou Harrison por um momento, antes que um levíssimo sorriso transformasse sua expressão gélida.

— Você se enganou. Com toda certeza, é tarde demais.

Harrison ergueu o olhar, surpreso que o assassino tivesse adivinhado seus pensamentos, sem conseguir deixar de imaginar quantas vezes o rapaz haveria assumido aquela mesma posição, adivinhando os últimos pensamentos de um moribundo. Não deveriam ter sido poucas.

Como se quisesse provar sua habilidade, o rapaz mirou a arma sem um segundo de hesitação. Harrison se pegou olhando para o cano. O brilho do disparo foi a última imagem que viu.

C A P Í T U L O

1

DELPHIC BEACH, MAINE
NOS DIAS DE HOJE

PATCH ESTAVA DE PÉ ATRÁS DE MIM, COM AS MÃOS NA MINHA cintura, o corpo relaxado. Tinha quase dois metros de altura e um corpo esguio e atlético, que nem os jeans folgados e a camiseta conseguiam esconder. A cor de seus cabelos deixava a escuridão da meia-noite no chinelo, e os olhos não ficavam atrás. O sorriso era sexy e sugeria encrenca, mas eu havia me convencido de que nem todo tipo de encrenca era ruim.

Acima de nossas cabeças, os fogos de artifício iluminavam o céu noturno e despencavam no Atlântico em torrentes de cor. A multidão soltava exclamações de admiração. Era final de junho e o Maine se jogava de cabeça no verão, celebrando o início de dois meses de sol, praia e turistas com os bolsos cheios. Eu celebrava os dois meses de sol, praia e bastante tempo devotado exclusivamente a Patch. Havia me matriculado em um curso de verão — química — e tinha toda a intenção de deixar que Patch monopolizasse o restante do meu tempo livre.

O corpo de bombeiros disparava os fogos de artifício de um cais que não estava a mais de cento e oitenta metros do lugar onde nos encontrávamos, e eu sentia a reverberação de cada explosão na areia sob os meus pés. As ondas arrebentavam na praia, logo abaixo da duna, e a música festiva soava em volume máximo. O cheiro de algodão-doce, pipoca e churrasquinho enchia o ar, e meu estômago me lembrou de que eu não havia comido nada desde a hora do almoço.

— Vou pegar um cheesebúrguer — disse a Patch. — Quer alguma coisa?

— Quero, mas não está no menu.

Sorri.

— O que é isso, Patch? Está me paquerando?

Ele beijou o alto da minha cabeça.

— Ainda não. Vou pegar seu cheesebúrguer. Aproveite o finalzinho dos fogos.

Segurei em um dos passantes de cinto de sua calça, para impedi-lo.

— Obrigada, mas quem vai comprar sou eu. Ou vou me sentir culpada.

Ele ergueu os olhos, com um ar questionador.

— Quando foi a última vez que a garota da barraca de hambúrguer deixou você pagar pelo lanche?

— Faz tempo.

— Ela nunca deixou. Fique aqui. Se ela o vir, vou passar o restante da noite com a consciência pesada.

Patch abriu a carteira e tirou uma nota de vinte dólares.

— Dê a ela uma boa gorjeta.

Foi minha vez de erguer as sobrancelhas.

— Está tentando se redimir por todas as vezes que levou comida sem pagar?

— Da última vez que paguei, ela correu atrás de mim e enfiou o dinheiro no meu bolso. Não quero ser apalrado novamente.

Aquilo parecia uma invenção, mas, conhecendo Patch, provavelmente era verdade.

Procurei o fim da longa fila, que dava volta na barraca de hambúrgueres e terminava perto da entrada do carrossel. A julgar pela extensão, estimei que levaria uns quinze minutos só para fazer o pedido. Uma única barraca de hambúrguer para a praia inteira. Nem parecia que estávamos nos Estados Unidos.

Depois de alguns minutos de espera inquieta, eu dava provavelmente a décima olhada entediada ao meu redor quando vi Marcie Millar atrás de mim, com duas pessoas nos separando. Marcie e eu estudávamos juntas desde o jardim de infância e naqueles onze anos eu já me encontrara com ela mais vezes do que gostaria de me lembrar. Por causa dela, a escola inteira já havia visto minha roupa de baixo com frequência maior do que o necessário. Antes mesmo do ensino médio, Marcie tinha como hábito roubar meu sutiã de dentro do meu armário da educação física e prendê-lo no quadro de avisos diante da secretaria, mas ocasionalmente ela ficava criativa e o empregava como uma peça decorativa no refeitório — com os dois bojos recheados com pudim de baunilha e enfeitados com cerejas em conserva, por exemplo. Sim, muito elegante. As saias de Marcie eram dois manequins abaixo de suas medidas e quinze centímetros mais curtas do que deveriam. O cabelo era louro-avermelhado e ela tinha a forma de um picolé — se a virassem de lado, ela

praticamente desapareceria. Se houvesse um placar registrando a pontuação da batalha entre nós duas, eu tenho certeza de que Marcie teria o dobro de pontos.

— Oi — falei ao encontrar seu olhar acidentalmente, sem pensar em outra forma de escapar de um cumprimento mínimo.

— Oi — respondeu ela, em um tom que quase passava por educado.

Ver Marcie em Delphic Beach naquela noite era praticamente como brincar do jogo dos sete erros. O pai de Marcie era dono da revendedora da Toyota em Coldwater, a família morava em um bairro elegante nas colinas e os Millar se orgulhavam de serem os únicos cidadãos de Coldwater admitidos no prestigioso Harraseeket Yacht Club. Naquele exato minuto, os pais de Marcie deveriam estar em Freeport, participando de alguma regata com seu veleiro e comendo salmão.

Diferentemente, Delphic era uma praia de pobres. Dava para rir ao pensar em compará-la a um clube elegante. O único restaurante dali era uma barraca caída que vendia hambúrguer, com ketchup ou mostarda, à escolha. Nos dias bons, ofereciam-se batatas fritas para acompanhar. O entretenimento provinha de fliperamas barulhentos e carrinhos de bate-bate e, depois do anoitecer, sabia-se que a oferta de drogas no estacionamento era maior do que em qualquer farmácia.

Não era o tipo de ambiente que o sr. e a sra. Millar considerariam apropriado para sua filhinha.

— Será que dá para andar mais devagar, minha gente? — reclamou Marcie, da fila. — Tem gente morrendo de fome aqui atrás.

— Só tem uma pessoa trabalhando no balcão — expliquei a ela.

— E daí? Eles deveriam contratar mais gente. Oferta e demanda.

Levando-se em conta suas médias na escola, Marcie deveria ser a última pessoa a esbanjar conhecimentos em economia.

Dez minutos depois, eu havia avançado e já me encontrava suficientemente próxima do balcão para ler a palavra mostarda escrita com caneta hidrográfica preta no frasco amarelo de uso comunitário. Atrás de mim, Marcie não parava de bufar e transferir o peso de uma perna para a outra.

— Estou sentindo fome com F maiúsculo — reclamou.

O sujeito na minha frente pagou e levou embora seu lanche.

— Um cheesebúrguer e uma Coca-Cola — pedi para a atendente.

Ela se aproximou da grelha para preparar o pedido e me virei para Marcie.

— Então, quem está com você aqui? — perguntei.

Não que eu ligasse para as companhias dela, até porque não tínhamos amigos em comum, mas o instinto de ser educada falou mais alto. Além do mais, Marcie não havia feito nada que fosse obviamente rude nas últimas semanas. E tínhamos

ficado em relativa paz nos últimos quinze minutos. Talvez fosse o início de uma trégua. Águas passadas, essas coisas.

Ela bocejou como se conversar comigo fosse mais tedioso do que esperar na fila encarando a parte de trás da cabeça das pessoas.

— Sem ofensas, mas não estou a fim de conversar. Estou nesta fila há umas cinco horas, por causa de uma garota incompetente que obviamente não consegue preparar dois hambúrgueres ao mesmo tempo.

A garota atrás do balcão estava com a cabeça baixa, concentrada na tarefa de retirar os discos de carne do papel encerado, mas eu sabia que ela havia ouvido. Devia odiar aquele trabalho. Era bem provável que cuspsse secretamente nos hambúrgueres quando virava de costas. Eu não me surpreenderia se, ao final do expediente, ela fosse para o carro e chorasse.

— Seu pai não se incomoda com você andando por Delphic Beach? — perguntei para Marcie, franzindo os olhos muito levemente. — Talvez prejudique a reputação da honrada família Millar. Especialmente agora que ele foi admitido no Harraseeket Yacht Club.

A expressão de Marcie tornou-se fria.

— Estou surpresa que seu pai não se incomode por você estar aqui. Ah, espere aí. É verdade. Ele está morto.

Minha primeira reação foi de choque. A segunda foi ficar indignada com a crueldade. Um nó de raiva apertou minha garganta.

— O quê? — argumentou ela, erguendo um dos ombros. — Ele está morto. É um fato. Você quer que eu minta sobre os fatos?

— O que foi que eu fiz para você?

— Você nasceu.

A completa falta de sensibilidade dela mexeu comigo de tal forma que não consegui encontrar uma boa resposta. Peguei o cheesebúrguer e o refrigerante no balcão, deixando os vinte dólares lá. Quis muito correr para contar para Patch, mas aquilo era entre mim e Marcie. Se eu aparecesse naquele momento, bastaria que Patch desse uma olhada em meu rosto para perceber que havia algo errado. Eu não precisava metê-lo naquela história. Resolvi dar a mim mesma um momento para me recuperar e encontrei um banco próximo à barraca de hambúrgueres. Sentei-me com toda elegância possível, sem querer dar a Marcie o poder de arruinar minha noite. A única coisa que poderia tornar aquele momento ainda pior era saber que ela me observava, satisfeita por ter me jogado no pequeno buraco negro da autopiedade. Dei uma mordida no cheesebúrguer, mas o sanduíche deixou um gosto ruim em minha boca. Só conseguia pensar em carne morta. Vacas mortas. Meu próprio pai morto.

Joguei o hambúrguer na lixeira e continuei a caminhar, sentindo que minha garganta segurava o choro.

Cruzei os braços com força, segurando os cotovelos, e corri para o pavilhão dos banheiros, na beira do estacionamento, torcendo para conseguir chegar antes que as lágrimas começassem a rolar. Havia uma fila para o banheiro feminino, mas mesmo assim consegui me esgueirar pela porta e me coloquei diante de um dos espelhos enebados. Apesar da iluminação ruim, eu conseguia perceber que meus olhos estavam vermelhos e embaçados. Umedeci uma toalha de papel e a apertei contra o rosto. Qual era o problema de Marcie? O que eu tinha feito de tão cruel para merecer aquilo?

Respirei fundo algumas vezes para me recuperar, ergui os ombros e construí um muro de tijolos na minha mente, colocando Marcie do outro lado. Afinal, por que eu deveria me importar com o que ela dizia? Eu nem gostava dela. Sua opinião não tinha o menor valor. Ela era grosseira, egocêntrica e usava de golpes baixos. Ela não me conhecia e, com toda certeza, não tinha conhecido meu pai. Seria um desperdício chorar por alguma palavra saída de sua boca.

Recupere-se, disse a mim mesma.

Esprei que a vermelhidão de meus olhos diminuísse antes de sair do banheiro. Vaguei pela multidão, procurando Patch, e o encontrei junto a uma das barracas de bola ao alvo, de costas para mim. Rixon estava a seu lado, provavelmente apostando dinheiro na incapacidade de Patch em derrubar um único pino de boliche. Rixon era um anjo caído que conhecia Patch de muito tempo, e seus laços eram muito profundos, quase como se fossem irmãos. Patch não deixava que muitas pessoas fizessem parte de sua vida e confiava em menos gente ainda, mas, se havia alguém que sabia todos os seus segredos, esse alguém era Rixon.

Dois meses atrás, Patch também era um anjo caído. Mas ele salvou minha vida, recuperou suas asas e se tornou meu anjo da guarda. Nesse momento, ele deveria estar jogando do lado dos mocinhos, mas eu percebia secretamente que sua ligação com Rixon e com o mundo dos anjos caídos tinha uma importância maior para ele. E, apesar de não admitir, sentia que ele lamentava que os arcanjos houvessem decidido transformá-lo em meu guardião. Afinal de contas, não era o que ele queria.

Ele queria se tornar humano.

Meu celular tocou, arrancando-me desses pensamentos. Era o toque de Vee, minha melhor amiga, mas deixei que a chamada caísse na caixa postal. Com uma onda de culpa, lembrei-me de que era a segunda chamada dela que eu não atendia naquele dia. Justifiquei-me pensando que a veria no dia seguinte, bem cedo. Patch,

por outro lado, eu só veria à noite. Minha intenção era aproveitar todos os minutos que tivesse com ele.

Observei-o jogar a bola contra uma mesa cuidadosamente arrumada com seis pinos de boliche, com um pequeno frio na barriga ao ver que sua camiseta se levantava nas costas, revelando um pedaço da pele. Eu sabia por experiência própria que todos os centímetros do corpo de Patch eram cobertos por músculos rígidos e definidos. Suas costas eram lisas e perfeitas, as cicatrizes que ele ganhara ao cair dos céus haviam sido substituídas por asas — asas que nem eu nem os outros seres humanos podiam ver.

— Aposto cinco dólares que você não consegue fazer isso de novo — falei, vindo por trás dos dois.

Patch olhou para trás e sorriu.

— Não quero seu dinheiro, Anjo.

— Ei, galera, vamos manter a conversa própria para menores — disse Rixon.

— Os três pinos restantes — desafiei Patch.

— E qual seria o prêmio? — perguntou ele.

— Que inferno — disse Rixon. — Vocês não podem mesmo esperar até ficarem sozinhos?

Patch me deu um sorriso cúmplice, depois transferiu seu peso para trás, segurando a bola contra o peito. Deixou cair o ombro direito, deu uma volta com o braço e mandou a bola para a frente com toda a força. Houve um barulho e os três últimos pinos caíram da mesa.

— Pois é, agora você está encrencada, mocinha — berrou Rixon para mim, sua voz se sobrepondo à comoção causada por um grupo de espectadores que aplaudia e assobiava em homenagem a Patch.

Patch encostou-se na barraca e arqueou as sobrancelhas para mim. O gesto dizia: *Está na hora de pagar.*

— Você teve sorte — afirmei.

— Eu vou começar a ter sorte.

— Escolha o prêmio — rosnou o velho que cuidava da barraca, abaixando-se para pegar os pinos caídos.

— O ursinho lilás — disse Patch, e recebeu um urso com aparência horrenda, com a pelúcia amassada. Ele o entregou para mim.

— É meu? — indaguei, apertando uma das mãos contra o coração.

— Você gosta dos enfeitados. Na mercearia, sempre escolhe as latas amassadas. Andei prestando atenção. — Ele prendeu o dedo no cóis da minha calça jeans e me puxou. — Vamos sair daqui.

— O que você está planejando? — perguntei. Senti por dentro uma agitação e um calor, porque sabia exatamente o que ele tinha em mente.

— Sua casa.

Sacudi a cabeça.

— Não vai dar. Minha mãe está lá. Podíamos ir para a sua — sugeri.

Estávamos juntos havia dois meses e eu ainda não sabia onde Patch morava. E não por falta de tentativas de descobrir. Duas semanas de relacionamento me pareciam tempo suficiente para ser convidada à casa dele, especialmente porque Patch morava sozinho. Dois meses era tempo demais. Eu tentava ser paciente, mas minha curiosidade atrapalhava. Não sabia nada sobre os detalhes pessoais, particulares da vida de Patch, como a cor das paredes de sua casa. Se ele tinha um abridor de latas elétrico ou manual. A marca de sabonete que usava. Se tinha lençóis de algodão ou de seda.

— Deixe eu adivinhar — provoquei. — Você mora em um esconderijo secreto nos subterrâneos da cidade.

— Anjo.

— Tem louça usada na pia? Cuecas sujas no chão? Vamos ter bem mais privacidade que na minha casa.

— É verdade, mas a resposta continua sendo não.

— Rixon já esteve na sua casa?

— Rixon está na categoria dos que precisam saber.

— Eu não estou?

Sua boca estremeceu.

— Existe um lado sombrio entre os que precisam saber.

— Se você me mostrasse, precisaria me matar? — arrisquei.

Ele me envolveu em seus braços e beijou a minha testa.

— Chegou perto. Qual é o horário para chegar em casa?

— Dez horas. O curso de férias começa amanhã.

Isto e o fato de que encontrar formas de me manter afastada de Patch tinha se tornado praticamente um segundo emprego para minha mãe. Se eu tivesse saído com Vee, poderia dizer com toda certeza que o horário-limite teria sido estendido até as dez e meia. Não podia culpar minha mãe por não confiar em Patch, pois houve um momento em minha vida em que eu também não confiava nele, mas seria extremamente conveniente se, de vez em quando, ela relaxasse a vigilância.

Como esta noite. Além do mais, nada aconteceria comigo. Não com o meu anjo da guarda por perto.

Patch olhou o relógio.

— Hora de ir.

Às 22h04, Patch fez uma curva fechada diante da casa de fazenda e estacionou perto da caixa de correio. Desligou o motor e os faróis, deixando-nos sozinhos na escuridão do campo. Ficamos sentados por um longo momento antes que ele falasse:

— Por que você está tão quieta, Anjo?

Imediatamente prestei atenção nele.

— Quieta, eu? Estou apenas perdida em meus pensamentos.

Um sorriso ligeiro ergueu os cantos da boca de Patch.

— Mentirosa. O que há de errado?

— Você é bom nisso — respondi.

O sorriso dele aumentou minimamente.

— Sou muito bom.

— Encontrei Marcie Millar na fila do hambúrguer — admiti. Era inútil tentar guardar meus problemas só para mim. Obviamente, eles ainda estavam bem vivos sob a superfície. Por outro lado, se eu não pudesse conversar com Patch, com quem mais eu poderia? Havia dois meses nosso relacionamento envolvia muitos beijos dentro de carros, fora de carros, debaixo de arquibancadas e sobre a mesa da cozinha. Também envolvia muitas mãos bobas, cabelos despenteados e manchas de gloss. Mas era tão mais do que isso agora. Eu me sentia ligada a Patch do ponto de vista emocional. Sua amizade significava mais para mim do que uma centena de experiências casuais. Quando meu pai morreu, deixou-me com um enorme vazio que ameaçava me devorar por dentro. O vazio ainda estava ali, mas a dor não era mais tão forte. Eu não via por que razão deveria permanecer agarrada ao passado quando tinha tudo o que queria neste momento. E eu precisava agradecer a Patch por isso. — Ela fez a enorme gentileza de me lembrar que meu pai está morto.

— Quer que eu fale com ela?

— Isso está parecendo uma frase de O Poderoso Chefão.

— O que foi que começou esta guerra entre vocês duas?

— Esse é o problema. Não faço a mínima ideia. Costumávamos disputar a última caixinha de achocolatado na prateleira do refeitório. Então, um dia, ainda no ensino fundamental, Marcie entrou enfurecida na escola e escreveu “piranha” com tinta spray no meu armário. Ela nem tentou disfarçar. A escola inteira testemunhou.

— Ela ficou louca do nada? Sem nenhum motivo?

— Isso mesmo — declarei. Nada que eu soubesse, pelo menos.

Ele colocou um dos meus cachos atrás da minha orelha.

— Quem está ganhando a guerra?

— Marcie, mas sem muita vantagem.

O sorriso dele aumentou.

— Vá pegá-la, garota.

— E tem outra coisa. Piranha? No ensino fundamental eu nem tinha beijado na boca ainda. Marcie poderia ter guardado o spray para o próprio armário.

— Está começando a parecer que você tem um problema, Anjo. — Ele deslizou o dedo sob a alça da minha camiseta e seu toque fez minha pele formigar. — Apos-
to que consigo fazer você esquecer Marcie.

Algumas luzes estavam acesas no andar superior da casa, mas, como eu não via o rosto de minha mãe espremido contra uma das janelas, imaginei que tivéssemos algum tempo. Soltei o cinto de segurança e me inclinei por sobre a marcha, encontrando a boca de Patch na escuridão. Eu o beijei lentamente, saboreando o gosto salgado do mar em sua pele. Ele havia feito a barba naquela manhã, mas agora os pelos arranhavam meu queixo. Sua boca percorreu meu pescoço e senti o toque da língua, o que fez com que meu coração saltasse dentro do peito.

O beijo avançou para o meu ombro desnudo. Ele baixou a alça da minha camiseta e desceu com a boca pelo meu braço. Naquele momento, eu queria estar o mais perto dele possível. Não queria que ele fosse embora. Precisava dele na minha vida naquele dia, e no dia seguinte, e depois. Precisava dele como nunca tinha precisado de ninguém.

Passsei por sobre a marcha e subi em seu colo. Encostei as mãos no peito dele, agarrei seu pescoço por trás e o apertei. Seus braços passaram pela minha cintura, prendendo-me, e me aconcheguei ainda mais.

Deixando-me ser levada pelo momento, passei as mãos sob sua camisa, pensando apenas em como eu amava sentir o calor de seu corpo se espalhando pelas minhas mãos. Assim que meus dedos esbarraram no lugar das costas onde costumavam se encontrar as cicatrizes das asas, uma luz distante explodiu no fundo da minha mente. A escuridão perfeita foi rompida pela explosão ofuscante. Era como observar um fenômeno cósmico no espaço, a milhões de quilômetros de distância. Senti como se minha mente fosse engolida pela de Patch, para dentro de todas as milhares de memórias secretas guardadas ali, quando subitamente senti que ele tomava minha mão e a puxava para baixo, tirando-a do lugar onde suas asas se juntavam às costas, e tudo voltou depressa ao normal.

— Boa tentativa — murmurou ele, os lábios esbarrando nos meus ao falar.

Mordisquei seu lábio inferior.

— Se você pudesse ver o meu passado só de tocar em minhas costas, você também teria dificuldade em resistir à tentação.

— Eu já tenho dificuldade em manter minhas mãos longe de você sem esse bônus extra.

Eu ri, mas logo minha expressão ficou séria. Mesmo com considerável concentração, eu mal podia me lembrar de como tinha sido a vida sem Patch. À noite, deitada na cama, eu conseguia pensar com perfeita clareza no timbre grave de sua risada, no jeito como aquele sorriso erguia ligeiramente mais o canto direito da boca, no toque de suas mãos — quentes, macias, deliciosas — sobre a minha pele. Mas só com muito esforço eu conseguia recuperar as recordações dos dezesseis anos anteriores. Talvez porque aquelas lembranças perdiam a importância diante de Patch. Ou talvez porque não houvesse nada de bom nelas.

— Não me deixe, nunca — implorei a Patch, prendendo um dedo na gola da sua camisa e o puxando para perto.

— Você é minha, Anjo — murmurou ele, soltando as palavras em volta do meu maxilar enquanto eu arqueava meu pescoço para trás, convidando-o a beijar todos os lugares. — Você me tem para sempre.

— Prove que está falando sério — declarei, solenemente.

Ele me observou por um momento, então passou a mão atrás do pescoço e abriu o fecho de uma corrente simples de prata, que ele usava desde o dia em que eu o conheci. Não tinha a mínima ideia da origem daquele cordão nem de seu possível significado, mas sentia que era importante para ele. Era o único acessório que Patch usava, e ele sempre o mantinha sob a camisa, próximo da pele. Nunca o vira ainda sem ele.

As mãos dele deslizaram para minha nuca, onde ele prendeu a corrente. O metal tocou a minha pele, ainda morno com o seu calor.

— Recebi isso quando era um arcanjo — disse ele. — Para me ajudar a diferenciar a verdade da ilusão.

Toquei-a suavemente, admirada com a importância daquele objeto.

— Ainda funciona?

— Não para mim. — Ele entrelaçou nossos dedos e virou minha mão para beijá-la. — Sua vez.

Girei um anelzinho de cobre que estava no dedo médio da minha mão esquerda e o entreguei para ele. Havia um coração gravado na superfície lisa do interior do anel.

Patch segurou o anel entre os dedos, examinando-o silenciosamente.

— Meu pai me deu uma semana antes de morrer — contei a ele.

Os olhos de Patch faiscaram.

— Não posso aceitar.

— É a coisa mais importante do mundo para mim. Quero que fique com ele — pedi. Dobrei seus dedos, fazendo com que envolvessem o anel.

— Nora — hesitou ele. — Não posso aceitar.

— Prometa guardar para mim. Prometa que nada vai nos separar. — Prendi seu olhar, impedindo-o de desviá-lo de mim. — Não quero ficar sem você. Não quero que isso termine.

Os olhos de Patch eram negros como a noite, mais escuros do que um milhão de segredos acumulados uns sobre os outros. Ele baixou o olhar para contemplar o anel na sua mão, virando-o lentamente.

— Jure que você nunca vai deixar de me amar — sussurrei.

Ele balançou a cabeça, assentindo quase imperceptivelmente.

Agarrei sua gola e puxei-o para mim, beijando-o com ainda mais fervor, selando a promessa entre nós. Prendi meus dedos nos dele, a borda afiada do anel marcando as palmas de nossas mãos. Nada do que eu fazia parecia fazê-lo chegar perto o suficiente de mim, nenhuma parte dele era o bastante. O anel afundou ainda mais em minha pele, até eu ter certeza de que havia me ferido. Uma promessa de sangue.

Quando achei que meu peito ia explodir de falta de ar, me afastei, descansando a testa contra a dele. Meus olhos estavam fechados, e a respiração fazia com que meus ombros subissem e descessem.

— Eu amo você — murmurei. — Mais do que deveria.

Esperei que ele respondesse, mas, em vez disso, Patch me apertou com mais força ainda, quase como se quisesse me proteger. Virou a cabeça na direção da mata do outro lado da estrada.

— O que houve?

— Ouvi alguma coisa.

— É que acabei de dizer que amo você — afirmei, sorrindo enquanto contornava sua boca com o dedo.

Esperei que ele devolvesse o sorriso, mas seus olhos permaneciam grudados nas árvores que lançavam sombras enquanto seus galhos balançavam com a brisa.

— O que tem lá? — perguntei, seguindo seu olhar. — Um coiote?

— Alguma coisa está errada.

Senti o sangue gelar e saí de seu colo.

— Você está começando a me assustar. É um urso?

Não víamos ursos havia anos, mas a casa de fazenda ficava bem na periferia da cidade e os ursos costumam se aproximar das zonas urbanas depois de hibernarem, quando ficam famintos e saem à procura de alimentos.

— Ligue os faróis e aperte a buzina — sugeri. Forcei a vista na direção da mata, para captar os movimentos. Meu coração bateu um pouco mais depressa quando me lembrei de quando eu e meus pais vimos, pelas janelas da casa, um urso balançar nosso carro, farejando comida.

Atrás de mim, as luzes da varanda se acenderam. Eu não precisava me virar para saber que minha mãe estava diante da porta, franzindo a testa e batendo o pé.

— O que é? — perguntei mais uma vez a Patch. — Minha mãe está saindo. Ela está segura?

Ele ligou o motor e colocou o Jeep no acesso para a casa.

— Entre. Tem uma coisa que preciso fazer.

— Entrar? Você está brincando? O que está acontecendo?

— Nora! — chamou minha mãe, descendo os degraus, com um tom irritado. Ela parou a um metro do Jeep e gesticulou para que eu abrisse a janela.

— Patch? — voltei a insistir.

— Ligo para você mais tarde.

Minha mãe abriu a porta do carro.

— Patch — cumprimentou ela, secamente.

— Blythe — respondeu ele, acenando displicentemente com a cabeça.

Ela se virou para mim.

— Você está quatro minutos atrasada.

— Ontem cheguei quatro minutos antes do horário.

— Não dá para compensar o horário de chegar em casa. Vá para dentro. Agora. Sem querer deixar Patch antes que ele me respondesse, mas vendo que não havia alternativa, falei:

— Ligue para mim.

Ele assentiu uma vez, mas o foco peculiar de seu olhar indicava que seus pensamentos estavam em outro lugar. Assim que saltei do carro, o Jeep avançou para a frente, sem desperdiçar tempo com aceleração. Para onde quer que Patch estivesse indo, ele estava com pressa.

— Quando eu lhe dou um horário para voltar para casa, espero que você cumpra — disse mamãe.

— Quatro minutos de atraso! — exclamei com um tom que sugeria que ela talvez estivesse exagerando.

Aquilo provocou um olhar de completa desaprovação.

— No ano passado, seu pai foi assassinado. Alguns meses atrás, você mesma correu risco de vida. Acho que conquistei o direito de me tornar superprotetora.

Ela caminhou rigidamente de volta para a casa, com os braços cruzados contra o peito.

Tudo bem, eu era uma filha insensível e sem coração. Mensagem transmitida.

Voltei a atenção para uma fileira de árvores na beira da estrada, do outro lado da pista. Nada parecia fora do normal. Esperei sentir um calafrio que me alertasse que havia algo escondido ali e que eu não podia ver, mas ele não veio. Uma brisa cálida de verão agitou as folhas, com o som das cigarras enchendo o ar. A mata parecia simplesmente serena sob o brilho da lua.

Patch não havia visto nada no mato. Ele se afastara porque eu dissera três palavras muito idiotas, que tinham saído da minha boca antes que eu pudesse impedir. O que havia se passado na minha cabeça? Não. O que se passava na cabeça de Patch agora? Será que ele fora embora para evitar respondê-las? Eu estava bastante convencida de saber a resposta. E estava bastante convencida de que ela explicava por que fiquei ali, olhando para a traseira do Jeep.